

RUBENS RIANI: Mas como diziam, a luta continua. Papai voltou, se reintegrou na sociedade, os diretores da empresa na qual ele trabalhou anos e brigou muito com eles, companhia mineira de eletricidade, ele brigava sempre com eles, mas eles, até no próprio depoimento deles, colocou da... Sempre da integridade dele. Eles ficaram do lado do papai. Então aquela pessoa que sempre brigou com eles, que sempre fez com que eles tivesse que tirar mais dinheiro deles para dar para os trabalhadores, não sei o quê, eles, né, ficaram do lado dele. Sobral Pinto foi um dos advogados do papai, a gente nem o conhecia. Ele pegou exatamente uma causa de humanidade, uma causa, como é que podia um homem daquele sofrer tanto sem dever nada? Era muita injustiça. Então essa injustiça, essa tortura, esse vazio todo provocado ficou, ficou não só em mim, ficou em todos os meus irmãos. Todos hoje já são aposentados, com exceção de mim, está faltando um ano. Mas sempre tivemos que ter uma vida regrada, comedida, “não pode aparecer”, “não é bom que você tenha atuação”, “seu nome não é digno”, são questões assim que, né, tantas vezes já fui, tentaram colocar pra ser presidente de sala, hoje nem sei como é que chama isso, mas na época tinha um aluno que era o representante de sala, não sei o quê, nunca pude. Era o mais votado, mas não podia. Então assim, são questões que vão deixando a gente, mas que vão moldando a gente também, né. Então acho que são pedaços que a gente passa, transtornos que nos causam, mas que a gente tem que buscar superá-lo. Não dá pra ter raiva, não dá pra ter ódio, nada disso, dessas pessoas. A gente fica indignado, fica inconformado, até hoje nós somos inconformados com isso, até hoje a gente continua na luta para transformar esse país em um país digno, um país mais honrado, mais justo, que se faça justiça social, mas onde quer que a gente esteja. Então eu tenho uma lembrança, dos poucos presentes que papai me deu, já falei da cestinha, no meu aniversário ele pediu que eu fosse lá no batalhão, e aí os militares rasos, os sargentos lá de dia que conhecia e tudo, deixou que ele me entregasse o meu presente. Era um Vemaguet azul claro. Hoje nem tem mais isso, já acabou esse carro, né, mas era um carro muito bom. Mas era de plástico, que ele conseguiu comprar ou pediu alguém que comprasse lá na... Subsistências dos militar lá, então, aí eu ganhei. Então era um carrinho de plástico que hoje a gente tem aos montes aí, mas para mim era assim, uma alegria muito grande. Um outro ano, ele não conseguiu comprar nada, aí me deu uma nota de 5, acho que era 5 cruzeiros, eu não sei, só sei que era de 5, não lembro mais o dinheiro da época. E eu perdi essa nota! Nossa senhora! No caminho. E aí um menino lá coleguinha da rua achou. Nossa senhora! Que confusão que foi para esse colega devolver, que era um dinheiro, para nós era muito dinheiro, né. Um outro amiguinho meu brigou, brigou mesmo, soco para lá e para cá para eu poder ter minha nota. Acabou rasgando um pouquinho, aí foi, coleí e tudo. Não gastei. Então são

lembranças que a gente vai tendo assim, com pouco contato. Como a comida não era muito boa, eles deixavam a gente levar comida. Então mamãe fazia uma janta, botava num prato, botava outro prato por cima, botava um pano, né, um pano de prato, amarrava ali, botava e tal. E aí, eu com meu outro irmão, o Mitch, a gente ia até lá no quartel para poder levar pra ele. Tinha vez que deixava a gente entregar, dependendo do sargento de dia. Tinha vez que não deixava. Esses eram os contatos que a gente ia tendo. Nas visitas que a gente fazia e a família fazia, né, tinha período de visita, aí íamos todos. Aí papai ficava conversando com cada filho, orientando os mais velhos, “fazer isso, fazer aquilo, ajuda sua mãe nisso, ajuda sua mãe naquilo”. Comigo ele tentava brincar, mas como é que vai brincar dentro do quartel? Eu me lembro bem do quartel, né, um pátio interno, aí só podia ficar no pátio interno, eles tinham medo de ele sair, sei lá o quê. Então... Aí no pátio interno a gente ficava brincando, contando as janelas, as grades que tinha em cada janela, para poder me estimular a aprender a contar, a fazer conta. Depois, quando ele voltou, aí eu tive mais tempo com ele. Ele tinha que fazer biscate, tinha que fazer trabalho fora para ter um dinheirinho a mais, porque o salário não estava dando, então sábado e domingo ele fazia esses biscates e aí eu ia com ele. Aprendi a fazer muita coisa, né. Foi auxiliar de pedreiro, auxiliar de eletricista, auxiliar geral, só não fui motorista, que ainda não tinha idade, 13, 14 anos, hoje iam falar que é trabalho infantil. Mas era bom! Eu estava ali com ele, a gente brincava, tinha vez que ele xingava, brigava, ficava nervoso, aí minha mãe brigava com ele porque ele brigou comigo, né. Essa era uma relação. Nós sempre fomos muito simples. Papai também era simples, eu me lembro bem, ele chegando da companhia mineira, ele chegava por volta de cinco, cinco e meia, terminava às cinco horas lá o serviço dele, pegava ônibus, vinha, descia e a mamãe já estava lá com... Juiz de Fora é mais frio, prato lá de sopa de macarrão com batata e cenoura e um ovo frito e um pão. Então isso era a rotina dele. Jornal a gente não lia, porque não tinha dinheiro nem para isso, né... Televisão, coisa muito rara. Aliás, eu fui o único irmão a ter televisão em casa, né, assim, de pequeno. Televisão entrou lá em casa bem mais tarde, 62, 63. Então... E meus irmãos, assim, ninguém tem lembrança do papai brincando com eles. Papai só veio brincar com crianças com os netos, e por ironia do destino, lá em Juiz de Fora não tinha tanta área de lazer assim, mas tinha um parquinho que era exatamente na área militar, lá do exército, lá em Juiz de Fora. Então, depois de solto, ele ia com os netos no parquinho que era na área militar lá em Juiz de Fora. Muito engraçado isso! Mas foi o jeito que ele teve para poder, acho que ter, assim, um pouco mais desse convívio, retornar aí essa questão mais de humanização, né. Ele passou um grande período aí. Ele ficou mais tempo preso e nessa situação da ditadura do que propriamente na vida sindical e política. A grande atuação dele foi de 54 a 64, portanto, em dez

anos. E nesses dez anos aí fez-se muito, a ponto de sofrer todas essas situações. Tem uma das cestas básicas que foi lá para a nossa família, minha mãe dizia pra nós, e aí meu irmão me contou que foi manteiga lá pra casa. Manteiga era coisa, assim, de rico. Nós nunca tivemos. Então mamãe nem aceitou. Como é que nós vamos ter uma coisa dessa? E o doador era presidente de um sindicato, falou: “Não! Isso eu levo pra minha casa. O que eu estou levando pra minha casa, eu estou deixando pra sua casa”, “não, mas aqui nunca entrou, não vai entrar, porque se meus filhos gostarem eu não tenho para continuar dando, então não põe, não vai!”, né. Então são situações que marcam. Depois dessa sempre, nunca quis servir exército, apesar de ter servido. Sou contra, não o nosso exército, sou contra qualquer exército. Acho que é o maior atestado de incompetência humana a gente ter que ter homens armados para poder garantir coisas para os outros. Isso é incompetência total do ser humano. Você usar de violência pra que seus argumentos prevaleçam. Isso não existe. Então sempre fui contra. E os dez meses que eu estive no quartel, os dez meses eu falei isso. Em todas as palestras públicas que eles fizeram lá, de todos os soldados que estavam lá...